

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1401201923-30>

A CULTURA SUBMERSA NO SUJEITO DO INCONSCIENTE SUBMERGED CULTURE ON THE SUBJECT OF THE UNCONSCIOUS

Maria Cristina Carpes*

Resumo: *A proposta deste artigo é tecer pontos de reflexão sobre a hipótese de que a cultura está submersa no sujeito do inconsciente. Para tanto, percorremos alguns pontos da constituição psíquica do sujeito, inaugurado pelo investimento materno na proposta freudiana com articulações lacanianas da ex-sistência do sujeito. A cultura ocupa o lugar de Outro, assim como a linguagem e a mãe para o infans, no que o sujeito renuncia a satisfação sexual para buscar satisfazer o desejo do Outro/Cultura. Há um preço a pagar decorrente da neurose, do gasto de energia e a destrutividade na vida "civilizada".*

Palavras-chave: *Psicanálise. Sujeito do inconsciente. Cultura.*

Abstract: *The purpose of this article is to make points of reflection on hypothesis that culture is submerged in the subject of the unconscious. To this end, we go through a few points of psychic Constitution of the subject, inaugurated by the maternal investment in Freudian lacanianas joints of the proposal with ex-sistence of the subject. The culture takes the place of another, as well as the language and the mother to the infans, in that the subject makes no sexual satisfaction to get to satisfy the desire of Another culture. There's a price to pay as a result of neurosis, the power and destructiveness in life "civilized".*

Keywords: *Psychoanalysis. Subject of the unconscious. Culture.*

Recebido em 04/05/2019. Aprovado em 10/06/2019.

A proposta da Revista Crítica Cultural deste número, dedicada a discutir o sujeito do inconsciente na cultura, abre a possibilidade de pensarmos temas tão caros a psicanálise e que muitas vezes, inadvertidamente, são ditos como antagônicos. Explicitando melhor nossa inquietação, por vezes, há entendimentos, como no campo da psicologia e da sociologia, que a psicanálise por ser um campo de saber que se dedica a escuta do inconsciente, fica estabelecida no âmbito da particularidade do ser individual, e por isso ficaria excluída das questões da cultura.

Essa análise nos parece que traz no seu cerne a dificuldade em trabalharmos com conceitos ou mesmo dialogarmos nos diversos campos da ciência e de saberes, mantendo o rigor e a especificidade das áreas em que os conceitos são originados, neste caso, o conceito de inconsciente, oriundo da psicanálise e o conceito de cultura ou do social estudados pela psicologia social e as ciências sociais. Ao mesmo tempo, é importante não perder de vista, seguindo a perspectiva da constituição do aparelho psíquico, que os seres humanos são afetados por estímulos que vem do interior do corpo e investimentos do exterior no que chamamos de mundo externo, ambos exteriores ao aparelho psíquico. E

* Psicóloga e psicanalista. Mestre e Doutora em Ciências da Linguagem (UNISUL). E-mail: mccarpes@hotmail.com.

mais além, que sem esses investimentos externos, dos cuidadores submersos e *submetidos* na cultura, a vida do *infans* não avançaria.

Sabemos com Sigmund Freud (1974 [1915]), a partir do seu legado na criação, que o aparelho psíquico não se enlaça diretamente com o mundo seja interno ou externo a si, precisa de representações para que se constitua e funcione como um aparelho de memória, representação e linguagem. Neste contexto é que se justifica a importância na teoria psicanalítica do estudo da constituição do aparelho psíquico, pois o constituir-se psiquicamente não é algo dado pelo nascimento do vivente, mas sim, nas relações estabelecidas pelos objetos exteriores ao *infans*, que se ocuparam do seu cuidado e apostaram que ali adviria um sujeito. Essa é uma das funções maternas, fazer com que o *infans* ingresse no mundo da linguagem.

Nesta direção é que tecemos pontos de reflexão neste trabalho sobre o inconsciente que emerge como efeito de um sujeito que, como o próprio nome indica, fica assujeitado a representantes e derivados pulsionais, que dizem da história dos objetos que lhe afeta, lhe constitui e falam sem saber o que escapa à consciência do seu dizer.

Assim, propomos para discussão nossa hipótese que a cultura vive submersa no sujeito do inconsciente, não no sentido de estar oculta, escondida e, portanto, sem acesso. Mas, justamente, imersa no tecido da linguagem, onde o sujeito do inconsciente emerge encharcado na cultura.

Sabemos que o ser humano rompe com a natureza animal, uma vez que suas atitudes e seus desejos não são frutos de determinações genéticas movidas para a sobrevivência da espécie. Podemos pensar inclusive que o homem na vida em sociedade vai na contramão da satisfação pulsional ao seguir leis sociais que impõe toda uma série de males na supressão da própria satisfação pulsional. O recalçamento da pulsão sexual, nesta medida, fruto do imperativo do supereu é o preço neurótico que o sujeito paga à civilização na modernidade.

Na constituição psíquica do sujeito, o investimento materno inaugura um primeiro tempo, podemos dizer mítico, pois é impossível ao vir a ser sujeito ter acesso mnêmico às suas origens. Um exterior ao aparelho psíquico ingressa no caos pulsional e investe libidinalmente o *infans*, produzindo uma *ex-sistência* constitutiva do sujeito do inconsciente, mostrado topologicamente na banda de Moebius - faixa esférica torcida, conforme nos apresenta Lacan (2007 [1975-1976]). Podemos pensar que no dentro/fora que subverte a constituição do sujeito, o exterior e o interior na *ex-sistência* mostram na concomitância, a potência da existência do ser.

Temos, nesta perspectiva, um vir a ser sujeito do inconsciente possibilitado por um externo, fruto de uma cultura de cuidados, de linguagens que como a banda de Moebius mostra, que o fora/dentro é constitutivo. Nesta direção é que apontamos que a cultura está submersa no sujeito do inconsciente.

Assim, o sujeito do inconsciente, que a partir do termo – sujeito, já mostra as marcas de um ser assujeitado ao *Outro*, na concepção comentada por Quinet (2015) sobre o conceito lacaniano de *Outro*, como um lugar ao *Outro* primordial. Lugar esse que pode ser ocupado pela mãe, pela linguagem que já está dada, antes mesmo do *infans* nascer e na proposta apresentada neste artigo à cultura. Marcas constitutivas do *Outro/Cultura* que

diz que o sujeito nasce fragmentado, na busca de uma satisfação possível neste lugar onde vive. Nessa perspectiva, o sujeito sabe de si pelo *Outro* que lhe investe, lhe cuida, lhe nomeia, lhe dá normas e impõe restrições para satisfação pulsional, entre outras demandas.

O *eu* que surge como uma representação de si, naquilo que é possível constituir um saber do que lhe afeta na potência de um ser, segue o ideal das identificações dos primeiros objetos de investimentos. Nesse movimento, uma parte da energia sexual não estará posta a serviço da satisfação sexual na direção da gratificação, uma vez que o *Outro* constitutivo do sujeito do inconsciente lhe demandará condições para o *eu* ser amado e ser investido libidinalmente.

Freud inicia a tecer questionamentos sobre a vida humana na civilização de uma forma mais sistematizada no seu estudo *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1976 [1908]), em que destacamos sua discussão em torno do preço que se paga pela renúncia da satisfação pulsional em prol de um convívio civilizado. Tal convívio social é uma criação humana que o distancia da natureza dos outros seres vivos que orientam a vida para procriação e sobrevivência da espécie. Quanto também o distancia da sua própria satisfação pulsional, que tenderia para utilização da pulsão de vida e da pulsão de morte para os fins últimos de prazer e destruição, sem que a energia pulsional estivesse dirigida aos objetivos civilizatórios.

O mal-estar do homem na cultura está no afastamento, não da sua natureza animal, miticamente perdida, se assim podemos dizer, quando sabe que não pertence ao reino animal. Mas quando se afasta da satisfação pulsional, do princípio do prazer e direciona-se ao princípio da realidade, no adiamento da direta satisfação pulsional para uma satisfação possível. Para isso, Freud (1976 [1923]) nos diz que pelo recalçamento da satisfação há um dispêndio de energia, a fim de manter o recalque por um lado, e por outro, há uma dessexualização da libido realizada pelo *eu*.

O *eu* modelado pelas identificações utiliza-se da plasticidade da pulsão de vida (*Eros*), para percorrer vias possíveis de satisfação. O *eu* tenta se adequar aos modelos identificatórios dos ideais, uma parte da libido se destina aos objetos na busca da satisfação sexual, enquanto outra parte vai configurar o que Freud (1976 [1923], p.61) chama de libido do *eu*, nas suas palavras: “Se essa energia deslocável é libido dessexualizada, ela também pode ser descrita como energia sublimada, pois ainda reteria a finalidade principal de *Eros* - a de unir e ligar - [...]”.

A sublimação é conceituada por Freud (1974[1915], 1976 [1923]) como um dos destinos pulsionais em que a meta da pulsão sexual é derivada para um objetivo não sexual, na direção em que objetos sociais e dizemos nós, culturais, investidos são o alvo da satisfação sublimada. A energia do *eu* dessexualizada, narcísica, faz uma ponte, se assim podemos dizer, com os ideais da cultura e criam uma satisfação agora sublimada, no que *Eros* cria outras formas de satisfação.

Utilizaremos a palavra alemã *Kultur* sem distinção mais significativa dos termos traduzidos por cultura e civilização seguindo as palavras de Freud em *O Futuro de uma Ilusão* (1974[1927], p 16): “A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização – [...]”.

A renúncia pulsional que é feita em prol da cultura representa, no nosso entendimento, a maior produção que a humanidade reiteradamente faz, quando recalca, suprime, inibe, e também sublima a satisfação poliforma das pulsões parciais. O criador da psicanálise nos chama a atenção que o preço pago a essa abdicar são as psiconeuroses ou diríamos, o sofrimento psíquico sintomático na esfera psíquica e somática.

Sobre o que determina esta renúncia Freud (1976 [1908] p.19) diz: “Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização.”.

Nossa leitura da citação aponta para o outro, como semelhante, que impulsiona o *eu* a abrir mão de satisfação autoerótica, no que Lacan no seu ensino aponta para o pequeno outro, que possui o que o *eu* imagina e atribui a esse outro-ideal. Temos aí o par pulsional, amor-ódio dirigido ao objeto, o qual Freud faz referência no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1974[1914]). Retornando a Lacan (1998), no estágio do espelho, o *eu* se constitui no olhar do outro, que traz a marca do sujeito alienado. O *eu* se constitui em uma ação psíquica, descrita por Freud no texto referido sobre o narcisismo, onde o olhar da mãe ao *infans* mostra que ele está ali.

Em *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1976 [1908]), Freud entende que a renúncia pulsional é devida aos “sentimentos familiares derivados do erotismo” (p.192), e vai além ao chamar a atenção que a renúncia é oferecida a divindade, numa alusão a religião, como um sacrifício. Podemos pensar que o autor chama atenção a um oferecimento do sujeito do inconsciente para a fratria, os iguais, no pacto ligado a obediências às leis para a convivência civilizatória, como também, ao ser divino que lhe governa e exige sacrifícios para ser amado.

Considerando os estudos lacanianos, é possível articular a fratria relacionando-a ao outro como objeto de investimento pulsional, que também habita o *eu* no narcisismo. Na dimensão da divindade, articulamos ao Outro, que lhe impõe condições imaginárias para o sujeito ser amado; como operações que tentam dar conta da falta original do ser e que o impulsiona a estar com os demais na cultura.

Nesta perspectiva podemos pensar na cultura como o espaço do grande Outro, que na perspectiva laciana vai falar no sujeito, se constituindo na alteridade do sujeito. O Outro como o espaço do inconsciente que habita o sujeito falará nele, sem que saiba o que diz. Assim, vem o aforismo laciano (2008[1972-1973]) que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. O outro que está no sujeito, o habita, fala nele e faz com que o homem não habite sua própria morada. Outro que fala com uma língua própria - a *lalangue*, (LACAN, 2003 [1972]), a língua materna que ingressa no *infans* como a mãe, no espaço do Outro que traz a marca do sujeito alienado pelo Outro.

Propomos pensar a cultura como esse Outro que diz ao sujeito quem ele é na marca constitutiva da sua alienação. Trazemos um fragmento da nossa clínica para falar disso. Catarina, uma senhora de 70 anos, viúva, fala de suas lembranças, nelas a significante¹

¹ Significante, conceito Laciano que na nossa leitura diz que o sujeito aparece como um efeito do desejo do Outro. O sujeito existe primeiramente para o Outro, no que este diz sobre como o sujeito é, assim o

boazinha é nomeado em vários momentos da sua vida. Na infância era “boazinha”, ficava em casa, fazendo companhia à mãe e à avó, observando e ajudando nos cuidados com a casa. Na adolescência borda e costura. Adulta jovem vai trabalhar na mesma instituição pública que o pai trabalhava. Não usava calça comprida como as moças mais modernas usavam. Nestes momentos, por estas atitudes é nomeada pela mãe e avó como “boazinha”. A analisante faz um sorriso de satisfação quando diz “boazinha”.

Conhece o rapaz que se tornaria seu esposo e ele além de ser divertido, gosta de ficar na sua casa e conversar com seus pais. Ele também é “bonzinho”, seus filhos também são nomeados como “bonzinhos”. Quando do nascimento do primeiro filho, sai do serviço público e vai para o espaço privado a pedido do marido para cuidar dos filhos. Após o falecimento do esposo há cerca de dois anos, Catarina teve uma doença cardíaca, cansaço e falta de ânimo. Um dos filhos a traz a consulta preocupado com a mãe ir deitar cedo, sem ânimo para ver os programas de TV que antes gostava. A paciente nas entrevistas iniciais diz que sofre de saudades do esposo falecido e dos filhos que moram em outras cidades.

Propomos pensar nesta renúncia pulsional que a paciente sem saber o faz ao longo de sua vida. O significante “boazinha” desliza nas atitudes que tem, naquilo que o eu ideal se identifica e se constitui. Alienada no desejo do Outro, vive no mundo imaginário, lembrando dos outros que diziam quem ela era: “boazinha”. Podemos inclusive pensar que Catarina, sofre por seu ideal perdido. “Era boazinha”, seus objetos de investimento libidinais se perderam. Qual a sua direção?

O que a cultura tem a ver com isso que acontece com Catarina? Freud chama a atenção sobre os efeitos da renúncia da satisfação sexual, especialmente nas mulheres, fazendo referência a “moral sexual civilizada” de Viena do século XIX e da prevalência da frigidez feminina.

Ao fazer esta referência podemos depreender que Freud considera a cultura como um fator condicionador da renúncia das representações pulsionais. Sendo a cultura uma produção humana, o sujeito está na condição de alienado neste Outro que ele mesmo produz e fala nele. No caso de Catarina, há uma satisfação na rivalidade com os outros em que ela consegue na comparação com as irmãs e amigas em ser boazinha, na preferência dos pais e da avó. Exprime uma satisfação narcísica por abrir mão da vida erótica e se oferecer ao gozo do Outro.

O recalamento, mecanismo característica das neuroses ocorre quando o prazer da satisfação pulsional gera desprazer pela internalização dos padrões morais de uma cultura. A internalização destes padrões junto com outros processos, que não vamos aqui aprofundar, resulta na ação do supereu. Em várias passagens da sua obra, como no *O Ego e o Id*, Freud (1976[1923]) utiliza como sinônimos o supereu e o ideal do eu, justamente porque o *eu* é regido por ideais de perfeição narcísicos para montar uma forma de agir e principalmente para barrar as satisfações pulsionais que desconsideraria os padrões ideais.

sujeito se reconhece neste dito e desliza nos sentidos significantes. O tema pode ser aprofundado em Lacan (1995[1964]).

A célebre frase freudiana que o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo, diz que o supereu é o guardião para que os desejos incestuosos, que como sabemos representa um tabu civilizatório, não perturbe a vida em sociedade. A identificação com os pais, presente no supereu, ocorre por uma dessexualização da pulsão sexual. Essa pulsão, uma vez dessexualizada não se torna pulsão sexual. Freud aponta uma situação em que a pulsão sexual não está disponível para fusionar-se com a pulsão de morte.

Abre-se aí uma brecha para que a pulsão de morte fique agindo sozinha. No supereu, é o “faras”, um imperativo que dirá da proibição da satisfação no psiquismo, a proibição está no supereu, enquanto no mundo externo está na cultura. Aqui podemos trazer à conversa a figura topológica da banda de Moebius e dizer do dentro/fora na constituição do sujeito.

Freud faz referência à sublimação, como um deslocamento da satisfação sexual, direcionando para objetivos culturalmente aceitos. Em Catarina, há uma aprovação da cultura em ser uma mãe e esposa dedicada, em detrimento de dirigir a energia para a vida erótica, o trabalho e diversão fora de casa. Contudo Freud (1976 [1908], p. 198), alerta para os limites da sublimação: “O domínio do[da] instinto[pulsão] pela sublimação, defletindo as forças instituais [pulsionais] sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude”.

O homem na vida com os demais está às voltas em controlar as forças da natureza que lhe fascinam, ao mesmo tempo que se sente ameaçado por elas e a extrair seus recursos e riquezas para satisfazer suas necessidades, que se tratando de humanos já está na ordem dos desejos.

A relação dos homens entre si se estabelece na administração destas riquezas, neste sistema de trocas que historicamente conhecemos nas relações humanas, Freud (1976 [1908]) chama a atenção que o próprio ser humano pode funcionar como riqueza neste sistema de troca. Assim, a relação estabelecida não se dá exclusivamente entre os bens materiais extraídos da natureza, mas também e podemos dizer ocupam o primeiro plano as relações entre os humanos. Nas postulações freudianas, a moeda de troca entre os homens se dá na força de trabalho e como escolha do objeto sexual.

Dominar as forças da natureza pode-se considerar neste grande Outro concebido por Lacan. O Outro externo já existente antes do sujeito estar lá, mas que quando o sujeito nasce o domina, na pujança que o sujeito lhe atribui. Vem-nos à lembrança o sentimento oceânico considerado por Freud (1974 [1929]), um momento mítico do narcisismo primário, o *eu* e o mundo externo fundidos, formando um só, onde esse Outro, a mãe primordial, forma com o *infans*, o infinito na completude narcísica.

A insatisfação surge quando o *eu* e o mundo externo não são um. O objeto surge da diferenciação e como um espaço para ser depositário da insatisfação. Pode-se conceber, neste exercício reflexivo que nos propomos a realizar que a cultura, como produção humana está num movimento de fora/dentro do aparelho psíquico. Neste fora, anterior ao sujeito que o condiciona e lhe impõe ideais para o *eu* seguir, no que herdará no supereu. Como também no espaço do objeto de investimento pulsional que pela identificação força o *eu* a criar laços de fraternidade e de organização social para sobreviver em comunidade.

É neste sentido que Freud (1976 [1908]) em *Moral sexual civilizada* considera o preço da neurose que o homem tem que pagar para viver em sociedade. A civilização cria leis e dispositivos regulatórios para que a satisfação pulsional não aja sem freios, a união monogâmica da sociedade reprime uma série de possibilidades da satisfação pulsional. Saber do desamparo e da castração originária impõe ao princípio do prazer a realidade como princípio para a vida.

Há uma tensão constante nestas relações dos homens com o coletivo, tensão está interpretada como hostilidade, onde a civilização exige sacrifícios e precisa de medidas coercitivas para não ser destruída pelos homens. Sobre esta relação de tensão Freud (1974[1927], p.17) diz: “Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção”.

Freud se questiona por que as medidas civilizatórias são imperfeitas, uma vez que os homens têm consciência da impossibilidade de viver sem estar em relação com os outros e submetidos a leis e acordos para viver em sociedade. Em suma, porque ataca uma criação sua enquanto espécie que antes de qualquer coisa assegura sua sobrevivência? Eis sua resposta:

Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana. (FREUD, 1974 [1927], p.17)

As tendências destrutivas escapam a Eros e ao investimento libidinal que busca a satisfação. A pulsão de morte tem na destrutividade a sua manifestação no sentido de romper a ligação do homem com a sua satisfação e a sua vida. Destruir é voltar ao estado inicial antes da vida, é voltar ao estado inorgânico, onde o movimento não habitava. É um mais além do princípio do prazer, em que nada falta e por isso não precisa de movimento, nem de criação. Assim pode-se pensar que a civilização é uma criação humana para dar conta da continuidade da vida e que a destrutividade da pulsão de morte ataca. Se pensarmos que a civilização como produção humana traz as marcas da incompletude, da falibilidade e da imperfeição humana, a destrutividade traz a marca do narcisismo originário que pelo horror do desamparo, se destrói para se manter inteiro.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX.

- FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1929). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.
- LACAN, J. **O seminário**, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, J. **O seminário**. Livro 20: mais, ainda (1973-1974). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. **O seminário**. Livro 23: o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. O aturdido (1972). In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- QUINET, A. **Os Outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.